

Haydu, Verônica Bender. Prevenção e Superação de Abuso Sexual. **Tribuna do Vale do Paranapanema**, Rolândia, nº 1252, p.3, 27 de abril de 2007.

Prevenção e Superação de Abuso Sexual

Corina revelou à Maria a experiência de ter sido vítima de abuso sexual, quando era criança e sua história (que contei na edição anterior desta coluna) resume alguns dos possíveis efeitos que o abuso sexual pode ter sobre o comportamento de uma criança. Aquele evento, que aconteceu quando Corina tinha 8 anos de idade, mudou de forma significativa o seu repertório comportamental. Ela passou a ter muito medo de diversas coisas, pessoas e lugares. Além disso, ela passou a apresentar comportamentos de esquiva de situações que envolviam homens, inclusive na escola, o que fazia com que ela não prestasse atenção às aulas de inglês. Todos esses fatos fizeram de Corina uma garota diferente daquela que ela seria se não tivesse passado por essa experiência.

A garota que vivenciou essa situação e que desenvolveu medos e comportamentos de esquiva, e que tinha um grande segredo a esconder de seu pai, deixou de interagir de forma positiva com um grande número de pessoas. Essas pessoas poderiam ter sido importantes no desenvolvimento de um repertório comportamental mais apropriado ao contexto social no qual Corina vivia e mais apropriado ao desenvolvimento de uma rede de relações sociais que é muito importante para o bem estar das pessoas que vivem em sociedade.

Corina superou a dificuldade por ter sido ouvida por sua mãe e porque teve a oportunidade de fazer terapia. No entanto, ela nunca será a mulher que seria, se não tivesse vivenciado o abuso sexual.

A atuação da mãe de Corina foi, sem dúvida, muito importante para que ela viesse a superar o problema. É muito comum, mães não perceberem que algo de errado está acontecendo com seus filhos ou não acreditarem neles, quando denunciam o abuso. Essa situação é ainda mais freqüente quando o abuso sexual ocorre no meio familiar e, principalmente, quando ele é praticado pelo pai, padrasto ou avô da criança ou do adolescente. Geralmente, as mães confiam nessas pessoas e tendem a duvidar da criança ou do adolescente. Isto faz com que eles se afastem, tanto do pai ou padrasto abusador quanto da própria mãe. E nesses casos, o problema é significativamente mais sério.

Portanto, uma das atitudes fundamentais de uma mãe, na prevenção e superação dos problemas gerados pelo abuso sexual, é acreditar em sua filha ou filho. Quanto mais cedo a situação de abuso for interrompida tanto melhor será, pois as conseqüências para a criança e o

adolescente dependem do tipo de abuso sofrido, da frequência com que isso ocorre e da duração da situação de abuso.

Para que uma mãe possa acreditar no relato de seu filho ou filha, quando algo tão grave é contado; para que ela não pense que a criança está fantasiando ou inventando estórias, é fundamental que ela, desde muito cedo, ensine a seu filho ou filha a diferença entre a fantasia e a realidade, e ensine a eles dizer sempre a verdade.

Há outras práticas essenciais que auxiliam na prevenção do abuso sexual, como o diálogo amigável e um relacionamento de afeto positivo. Tudo isso pode ser resumido em uma palavra: intimidade. Quando os pais e os filhos têm intimidade, eles contam um ao outro o que lhes aconteceu e eles assumem o risco de serem criticados, contando coisas que julgam ser incorretas e recrimináveis.

Um outro aspecto fundamental na prevenção do abuso sexual é a supervisão constante. Obviamente, mães que trabalham fora de casa não têm condições de estarem presentes o tempo todo para fazerem uma supervisão direta, nem mesmo aquelas que não trabalham fora têm essas condições, mas elas podem fazê-lo, conversando com seus filhos nos momentos em que estão juntos. Conversar com os filhos sobre os mais diversos assuntos, contar a eles o que lhe aconteceu e perguntar a eles o que fizeram durante o dia é uma forma de criar condições para estabelecer intimidade, amizade, mostrar interesse e supervisionar de forma afetiva.

Um último aspecto que quero salientar a respeito deste assunto, é que é muito comum, mães, principalmente aquelas que têm dificuldades para educar e sustentar suas filhas, fazerem "vista grossa" para o fato de suas filhas adolescentes estarem sendo abusadas sexualmente por homens muito mais velhos. Em alguns casos, elas até incentivam o que elas pensam ser um possível namoro, pois acreditam que esses homens casarão com suas filhas e lhes tirarão um peso dos ombros. Sugiro a essas mães que parem e façam uma análise da seguinte situação: quantos homens velhos já casaram com adolescentes e viveram com elas felizes por muitos anos?

Você pode acessar os textos anteriores desta coluna, no meu *site* pessoal: www.uel.br/pessoal/haydu.

Verônica Bender Haydu
Professora da Universidade Estadual de Londrina
Doutora em Psicologia pela Universidade de São Paulo